

AS FORÇAS ARMADAS DA RÚSSIA

CAPACIDADES E POLÍTICA DE DEFESA

Publicação do Parlamento Europeu. Tradução e adaptação: Albert Caballé Marimón



Getty Images.

Sob Vladimir Putin, a Forças Armadas da Rússia se tornaram profissionais, dinâmicas, com grande mobilidade e equipadas com armas modernas. Apesar disso, ainda enfrentam problemas.

SUMÁRIO EXECUTIVO

As reformas lançadas por Vladimir Putin restauraram parte da antiga glória das forças armadas russas. A Rússia agora tem um exército dinâmico, móvel e principalmente profissional, equipado com armas modernas. O impacto dessas mudanças foi visível na Síria, a primeira intervenção militar da Rússia pós-soviética fora da região.

Apesar dessa capacidade aumentada, existem restrições demográficas e financeiras ao poder militar russo. As forças armadas não estão atraindo recrutas suficientes para se tornarem totalmente profissionais e, portanto, ainda precisam de recrutas – menos treinados do que soldados de carreira – para compor seus números. Moscou gastou bilhões de dólares em novas armas, como os inovadores mísseis nucleares revelados pelo presidente Putin em 2018, mas nem todos os ramos das Forças Armadas estão igualmente bem equipados.

A política externa cada vez mais assertiva da Rússia levanta a questão de quanta ameaça seus militares representam. Oficialmente, o papel das forças armadas é

defender o território russo, mas na prática Moscou usa a força militar para afirmar o controle sobre sua esfera de influência pós-soviética, por exemplo, na Ucrânia. A Rússia também usa métodos híbridos, como ataques cibernéticos, inclusive contra países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). A superioridade numérica geral da OTAN significa que a Rússia provavelmente evitará uma guerra total com a aliança. No entanto, o risco de usar armas nucleares e outras forças de nicho para escapar de retaliação por um ataque limitado (por exemplo, na região do Báltico) não pode ser totalmente descartado.

CAPACIDADE MILITAR

O RENASCIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS RUSSAS

Em seu apogeu, a União Soviética foi uma das duas superpotências militares do mundo, com as maiores forças armadas do planeta e um arsenal de armas convencionais e nucleares que igualavam e em algumas áreas até excediam os dos Estados Unidos e seus aliados. A década de 1990 viu a dissolução da União Soviética, a redução das ambições globais da Rússia e um declínio correspondente no papel dos militares. Com a Rússia em profunda crise econômica, os gastos militares caíram vertiginosamente, 94% em termos reais de 1988 a 1998. Enquanto o número de militares ativos foi estimado em cerca de quatro milhões na década de 1980, em 1998 esse número havia sido reduzido para um quarto.

Síria: uma oportunidade militar e comercial

A campanha na Síria foi uma valiosa oportunidade de aprendizagem para as forças armadas russas. Estima-se que, embora nunca tenham sido mobilizados mais de cinco mil soldados por vez, a rotação frequente garantiu que 10 vezes mais pessoal, incluindo mais da metade dos pilotos militares russos e especialistas em artilharia, ganhassem experiência de combate direto.

A guerra também deu à Rússia um valioso ponto de apoio no Mediterrâneo oriental. Além de manter a base naval de Tartus estrategicamente importante, a Rússia agora tem uma base aérea perto de Latakia. Essas instalações facilitam muito a operação de navios e aviões russos no Mediterrâneo. Mísseis antiaéreos e antinavio estacionados na Síria dão à Rússia a capacidade de interromper as operações da OTAN na área.

Para a indústria de defesa, a guerra promoveu as exportações ao apresentar armas como mísseis de cruzador Kalibr, disparados de navios e submarinos nos mares Cáspio, Negro e Mediterrâneo, que conseguiram atingir alvos sírios a distâncias de mais de mil quilômetros.

Depois que Vladimir Putin se tornou presidente em 2000, os gastos militares começaram a aumentar novamente. No entanto, as forças armadas continuaram a sofrer de baixa moral e armamento obsoleto no início dos anos 2000. As estruturas organizacionais herdadas do período soviético eram igualmente mal adaptadas às necessidades modernas; concebidos tendo em mente a ameaça de um conflito global de desenvolvimento lento e prolongado, foram concebidas para mobilizar gradualmente um grande número de tropas e armas, enquanto os conflitos regionais em que as forças armadas russas provavelmente estariam envolvidas exigiam a capacidade de mobilizar soldados altamente treinados e armas sofisticadas rapidamente, mas em uma escala muito menor.

As tentativas de transformar as forças armadas russas em uma força de combate moderna não começaram realmente a ter impacto até depois da guerra de 2008 com a Geórgia. Sem equipamentos modernos e coordenação eficaz, as tropas russas lutaram para se posicionar em território georgiano e só prevaleceram graças à enorme superioridade numérica. O conflito serviu como alerta e levou ao programa de reforma “New Look” do ex-ministro da Defesa Anatoly Serdyukov. Em 2012, Serdyukov deixou o cargo devido a um escândalo de corrupção, mas as mudanças continuaram sob seu sucessor, Sergey Shoigu.

O efeito geral das reformas tem sido tornar as forças armadas mais ágeis, móveis e autônomas, com menos oficiais superiores e cadeia de comando mais curta. Houve investimento maciço em novas armas e exercícios militares são regularmente organizados em grande escala. Ordenados em curto prazo, são projetados para testar a capacidade de resposta rápida das forças. Um deles, realizado no sudoeste da Rússia no verão de 2020, envolveu 150.000 militares.

As intervenções na Ucrânia e na Síria mostraram o quanto as forças armadas russas se tornaram mais capazes. Na Crimeia, em 2014, um pequeno número de tropas altamente treinadas e disciplinadas implementou uma operação secreta bem-preparada para anexar a península. Na Síria, a Rússia demonstrou pela primeira vez sua capacidade de projetar força militar além de sua tradicional esfera de influência pós-soviética. Apesar dos poucos recursos investidos na campanha, ela mudou decisivamente o rumo do conflito e alcançou seu objetivo político de preservar o regime de Assad.

PESSOAL



FIGURA 1: Os gastos com Defesa aumentaram de forma constante na década de 2000, atingindo um pico em 2015. A maioria do pessoal das forças armadas agora é profissional, mas pouco mais de um quarto ainda é recruta. Dados: SIPRI (gastos com Defesa); IISS Military Balance (pessoal das Forças Armadas).

Apesar dos sucessos, os militares russos ainda enfrentam restrições significativas. Com um total de 900.000 efetivos ativos, falta de pessoal em comparação com a meta oficial de pouco mais de um milhão, estabelecida por decreto presidencial em novembro de 2020. A Rússia ainda depende do serviço militar para compor os números, mas dada a crescente complexidade da guerra moderna, os conscritos

nem sempre são suficientemente treinados para realizar tarefas, especialmente porque o tempo de serviço militar foi reduzido de dois anos para um em 2008.

A proporção de conscritos nas forças armadas caiu de forma constante, de 307.000 em 2016 para 260.500 em 2018. Entretanto, o número de soldados profissionais duplicou entre 2012 e 2019. No entanto, o objetivo a longo prazo de profissionalização total declarado por Vladimir Putin ainda está muito distante. Além disso, dado que alguns contratos duram apenas dois anos, nem todos os soldados profissionais são particularmente experientes.

Baixa moral entre os recrutas russos

Embora a maioria dos russos sinta que o serviço militar deve permanecer obrigatório, o moral entre os recrutas costuma ser baixo. Trote, ou intimidação de recém-chegados às forças armadas, sempre foi um problema sério na Rússia. Dado que alguns dos piores culpados costumavam ser recrutas do segundo ano, o número de incidentes caiu desde que o tempo de serviço militar foi reduzido para um ano, mas continua bastante alto. A esquiva também é generalizada, com muitos jovens preferindo evitar as duras condições sofridas pelos recrutas.

Devido a uma queda demográfica na década de 1990, o número de potenciais recrutas está diminuindo. Os mercados de trabalho estão apertados e, embora os salários dos militares tenham aumentado substancialmente em 2019, eles não são particularmente competitivos; começando em pouco mais de 28.000 rublos (320 euros) por mês, além de moradia gratuita e vários bônus, eles estão abaixo da média nacional de 49.000 rublos (560 euros).

Há também forte resistência no estamento da Defesa à ideia de demolição do serviço militar obrigatório; de acordo com o coronel-general Yevgeny Burdinsky em uma entrevista na TV em outubro de 2020, além de custar muito, um exército totalmente profissional privaria os jovens da oportunidade de “realizar seu sonho e seu direito de defender o Estado”. Tais sentimentos também são difundidos entre o público em geral: uma pesquisa de 2019 mostrou um apoio recorde ao serviço militar, com 60% concordando com a afirmação de que era algo que todo homem de verdade deveria experimentar.

ARMAS

Em 2009, com a parcela de armas modernas nos arsenais russos estimada em apenas 10%, o então ministro da Defesa, Anatoly Serdyukov, estabeleceu a meta de aumentar esse número para 70%, de acordo com os níveis das forças da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (no entanto, a definição de “moderno” permanece incerta; aparentemente, também inclui armas antigas atualizadas).

Para atingir esse objetivo, um ambicioso programa de compras de 10 anos foi lançado em 2011, com um orçamento de 21 trilhões de rublos (515 bilhões de euros à taxa de câmbio média de 2011). Embora nem todo esse financiamento tenha sido realmente gasto, em dezembro de 2020, Vladimir Putin anunciou que a meta havia sido cumprida. A modernização está particularmente avançada nas forças nucleares da Rússia (86%), enquanto outros ramos estão atrasados; Putin não deu um detalhamento para 2020, mas números do Ministério da Defesa

sugerem que em 2019 a Força Aérea e a Marinha tiveram 65% e 64% respectivamente, seguidas pelas forças terrestres com 51%.

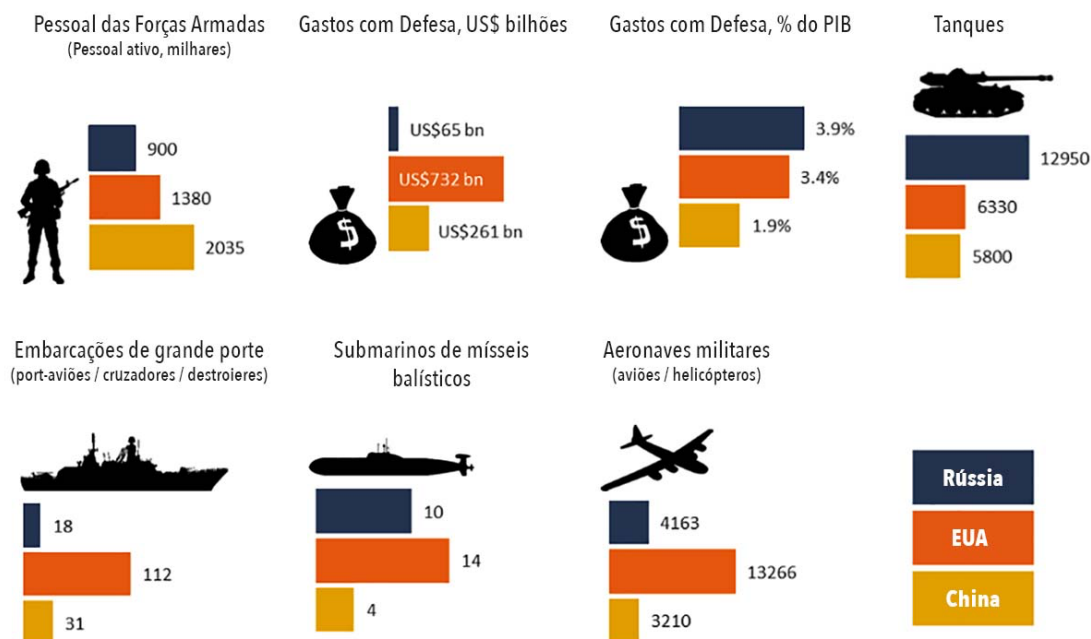


FIGURA 2: Comparação numérica, forças armadas da Rússia, Estados Unidos e China. As forças armadas da Rússia são menores e menos bem financiadas do que as dos EUA e da China. Na maioria das categorias de equipamentos militares, eles vêm em segundo ou terceiro lugar. Dados de 2019, do: IISS Military Balance; SIPRI (gastos com Defesa); Forbes (Tanques); TASS (aeronaves militares).

Um novo programa de compras foi lançado em 2018, também programado para durar 10 anos e com um orçamento semelhante de 20 trilhões de rublos. Em termos reais, isso vale apenas cerca de metade do programa anterior devido à inflação, mas, segundo Putin, a parcela de armas modernas continuará aumentando, chegando a 76% até 2024.

A Rússia tem armas inovadoras em várias áreas. Deu ênfase especial à modernização de seu arsenal nuclear; em 2018, Vladimir Putin anunciou uma nova geração de mísseis nucleares, que ele afirma serem virtualmente imparáveis pelas defesas da OTAN. Destes, o Avangard é um veículo planador hipersônico, voando a 20 vezes a velocidade do som e lançado de mísseis balísticos intercontinentais; a implantação já começou em 2019, tornando a Rússia o primeiro país do mundo a ter esse tipo de arma, embora os Estados Unidos devam seguir o exemplo em 2022.

A maioria das outras armas nucleares russas inovadoras está em um estágio menos avançado de desenvolvimento; por exemplo, o potencialmente mortal Burevestnik, um míssil de cruzeiro nuclear armado e movido a energia nuclear com alcance e manobrabilidade quase ilimitados, pode não estar pronto por mais uma década.

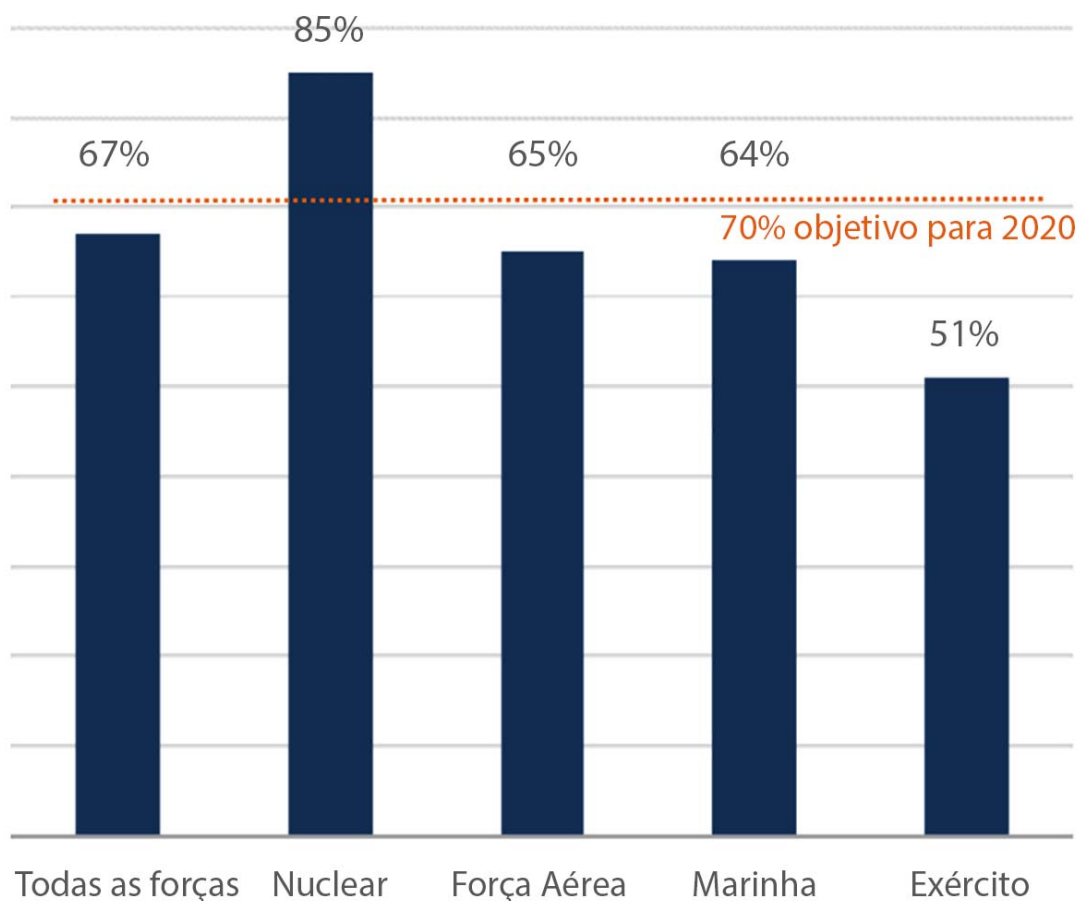


FIGURA 3: Participação de armas modernas nas forças armadas russas, final de 2019. Fonte: Ministério da Defesa da Rússia, citado pelo IISS Military Balance.

As ogivas nucleares são classificadas como **estratégicas** ou **não-estratégicas**. Embora não haja uma distinção universalmente aceita entre essas duas categorias, as armas mais potentes capazes de causar os danos a alvos civis são geralmente consideradas estratégicas, enquanto as armas não estratégicas são menores e adequadas para uso contra alvos militares, por exemplo, em um campo de batalha. As armas **implantadas** estão disponíveis para uso imediato, enquanto as armas armazenadas são **não-implantadas** e, portanto, menos relevantes para os estágios iniciais de um conflito nuclear.

O Novo Tratado START de 2011 (recentemente estendido até fevereiro de 2026 – veja abaixo “Controle de armas e não proliferação”) limita a Rússia e os Estados Unidos a 1.550 ogivas nucleares estratégicas cada um, garantindo assim paridade na categoria mais perigosa de armas nucleares. No entanto, seus limites não se aplicam a ogivas não estratégicas, uma área onde a Rússia tem talvez 10 vezes o arsenal dos EUA – embora essa superioridade seja compensada por forças americanas em outras áreas, como armas convencionais de precisão.

Ao contrário de suas forças nucleares, o arsenal convencional da Rússia é geralmente menor e menos sofisticado do que os dos países da OTAN, embora aqui também tenha alguns pontos fortes de nicho, como defesa aérea. O sistema S-400 é um dos produtos de exportação mais bem-sucedidos da indústria de defesa

rusa e é amplamente considerado em paridade com concorrentes como o Patriot dos Estados Unidos.

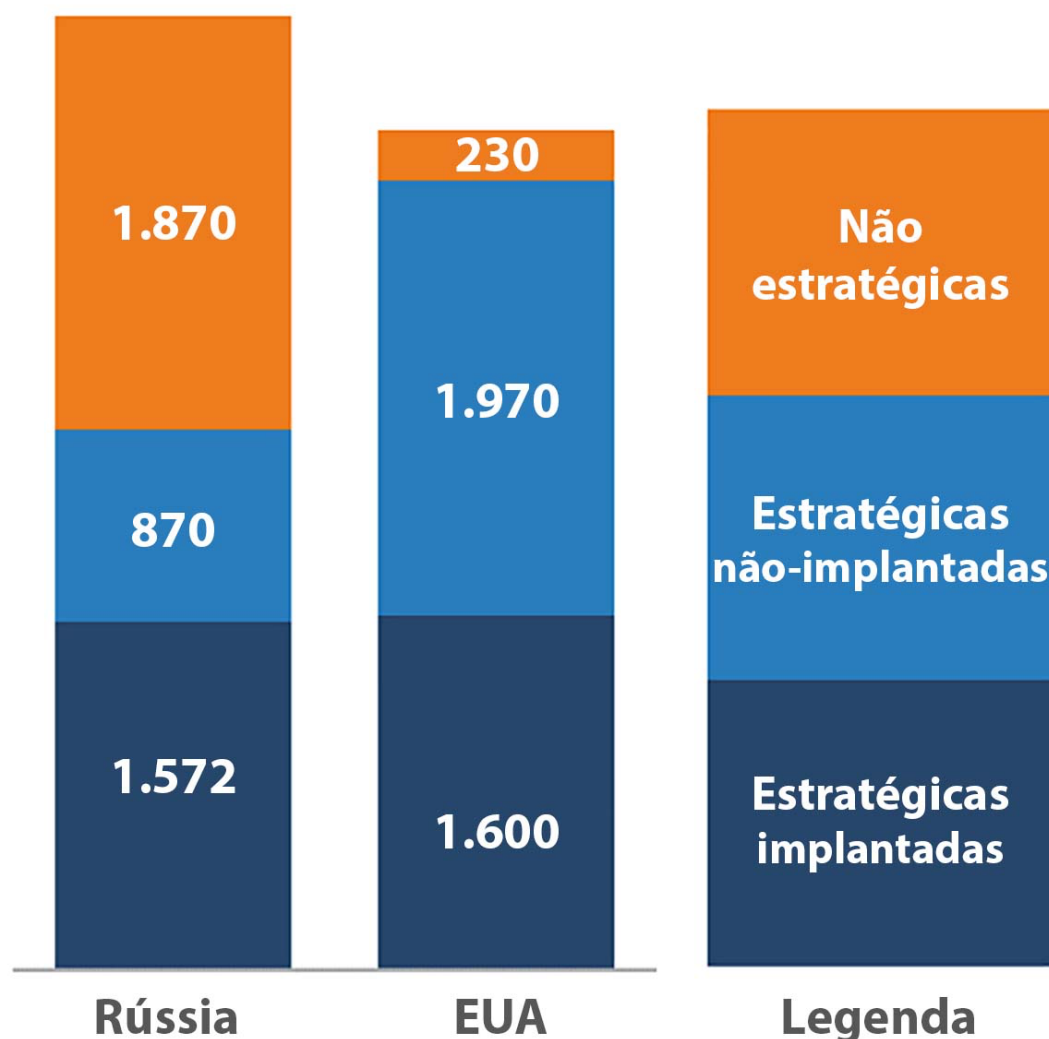


FIGURA 4: Ogivas nucleares Rússia e EUA. Fonte: Boletim dos Cientistas Atômicos, Rússia, EUA (2020).

Na maioria das áreas, os esforços de modernização enfrentam dois obstáculos principais: embora a Rússia esteja gastando mais em defesa do que antes, ainda não há dinheiro suficiente para comprar armas de última geração; ao mesmo tempo, a indústria de defesa da Rússia, que atualmente abastece todas as necessidades das forças armadas, nem sempre tem a capacidade necessária. Um exemplo de ambos os problemas é o tanque T-14 Armata, cujo fabricante afirma que pode superar qualquer concorrente estrangeiro. No entanto, quase seis anos desde que foi apresentado pela primeira vez no desfile do Dia da Vitória de maio de 2015, nenhum T-14 entrou em serviço, devido a problemas técnicos e custos proibitivos. O Su-57, o primeiro caça furtivo de quinta geração da Rússia, também é um exemplo; embora o programa de aquisição de defesa tenha inicialmente previsto adquirir 52 deles até 2020, na verdade a primeira unidade não foi implantada até dezembro de 2020. De acordo com os planos atuais, a Rússia terá

76 em serviço até 2028 – ainda muito menos do que os 540 operados pela Força Aérea dos EUA.

Obstáculos à modernização da marinha russa

Os construtores navais russos costumavam importar motores de turbina a gás da Ucrânia, mas essa fonte foi cortada em 2014. Sob um programa de substituição de importações, os fabricantes nacionais começaram a fornecer os motores, mas não se espera que substituam totalmente as fontes ucranianas antes de 2021 a 2022. Além disso, os estaleiros russos geralmente não têm capacidade para construir grandes navios, limitando a capacidade de “águas azuis” da marinha (ou seja, sua capacidade de operar além das águas costeiras). A Rússia tem apenas um porta-aviões envelhecido, o Almirante Kuznetsov, cuja condição precária ficou aparente durante sua viagem de 2016 à Síria. Atualmente fora de ação devido a um incêndio, a embarcação não deve retomar o serviço até 2022 e, mesmo que seja encontrado dinheiro suficiente para construir um substituto, a construção levará mais de uma década.

Para fazer o melhor uso do financiamento limitado, as forças armadas da Rússia se concentraram principalmente na atualização de armas existentes (como os caças Su-27 e Su-33 de quarta geração projetados pelos soviéticos) e na compra de novas armas baseadas em designs mais antigos, que, embora não tão inovadoras quanto os modelos mais recentes, ainda são altamente capazes e muito mais acessíveis.

No passado, a Rússia às vezes compensava as deficiências de sua indústria de defesa doméstica comprando armas estrangeiras, como drones israelenses e carros blindados italianos. Como a Rússia não tem capacidade para construir grandes navios, em 2011 concordou em comprar dois porta-helicópteros franceses Mistral – seu maior contrato de aquisição de defesa de todos os tempos. Sanções adotadas pela União Europeia, Estados Unidos e países aliados como a Ucrânia contra a Rússia em 2014 interromperam as compras da maioria dos potenciais fornecedores estrangeiros (embora tecnicamente isento de sanções como um contrato pré-existente, o acordo Mistral foi cancelado em 2014). As mesmas sanções proíbem as exportações ocidentais de bens de dupla utilização para fabricantes russos de armas, como componentes eletrônicos e ópticos de alta tecnologia, retardando a produção de alguns tipos de armas (veja o quadro acima sobre modernização naval).

CAPACIDADES HÍBRIDAS

Medidas híbridas são geralmente definidas como métodos não militares usados para desestabilizar um adversário, como desinformação, ataques cibernéticos, pressão econômica e interferência em processos eleitorais. A Ucrânia fornece muitos exemplos de como a Rússia usa um amplo pacote de medidas híbridas em combinação com força militar. Na Crimeia e no Donbass, a desinformação russa visava ganhar apoio local e desviar as críticas estrangeiras. Medidas econômicas – como um embargo comercial e um aumento dramático no preço cobrado à Ucrânia pelo gás russo – foram acompanhadas de ataques cibernéticos a escritórios do governo ucraniano e infraestrutura de energia. Enquanto isso, espiões russos conseguiram se infiltrar profundamente nos serviços militares e de inteligência ucranianos.

A Rússia usa medidas híbridas não apenas em combinação com a ação militar, mas também como uma alternativa de baixo custo e baixo risco. Aqui, novamente, há numerosos exemplos, desde tentativas de influenciar os resultados das eleições presidenciais dos EUA e da França, até um *hack* sofisticado na empresa de tecnologia americana Solar Winds, que a Rússia é suspeita de realizar. Descrito como o equivalente cibernético de Pearl Harbor devido ao seu impacto potencialmente devastador, o ataque à Solar Winds poderia dar à inteligência russa amplo acesso aos dados do governo dos EUA. Para alguns, o domínio da Rússia nos mercados de energia europeus também é uma importante ação híbrida.

Respostas ocidentais a ameaças híbridas

Desde 2014, a União Europeia e os Estados Unidos tentam responsabilizar a Rússia por suas ações híbridas, por exemplo, adotando sanções econômicas em resposta ao apoio russo aos rebeldes do Donbass; estas atingiram não apenas a indústria de defesa, mas também a economia em geral; uma estimativa sugere que, em 2018, tinham custado à Rússia 6% do seu produto interno bruto (PIB). Um segundo conjunto de sanções da UE visa funcionários de inteligência responsáveis por ataques cibernéticos.

Em 2014, a OTAN confirmou que “a defesa cibernética faz parte da tarefa central de defesa coletiva da OTAN”, o que significa que um ataque cibernético russo a um país da OTAN poderia desencadear uma resposta coletiva nos termos do Artigo 5. Os países da OTAN também fortaleceram suas defesas cibernéticas. No entanto, dado que muitas vezes é impossível identificar de forma conclusiva os autores de ataques cibernéticos, como o hack da Solar Winds, respostas robustas da OTAN são difíceis.

O Centro de Excelência de Comunicações Estratégicas da OTAN e a Força-Tarefa East StratCom da UE combatem a desinformação da Rússia e de outras fontes. Existe também um Centro de Excelência conjunto UE-OTAN para Combater Ameaças Híbridas criado em 2017.

Seja em guerra ou em tempo de paz, muitas das atividades híbridas da Rússia são coordenadas pela agência de inteligência militar GRU, que faz parte das forças armadas. Eles também dependem muito de atores não estatais, como os “voluntários” lutando no Donbass, *hackers* freelances envolvidos em ataques cibernéticos ou *trolls* postando desinformação em perfis falsos para a assim chamada Agência de Pesquisa de Internet em São Petersburgo (*Internet Research Agency in Saint Petersburg*). Na Síria, mercenários de empresas militares privadas apoiaram a campanha aérea russa, lutando ao lado das forças terrestres do governo sírio. Embora esses atores operem nominalmente por iniciativa própria, há fortes evidências de vínculos com o Estado russo. Por exemplo, Yevgeny Prigozhin, empresário ligado a Putin, está na lista de sanções dos EUA por financiar *trolls* da Internet na campanha presidencial dos EUA, e também está por trás da Wagner e outras empresas militares privadas.

As medidas híbridas oferecem múltiplas vantagens à Rússia. Enquanto as debilidades econômicas e demográficas impedem Moscou de alcançar a paridade militar convencional com as forças da OTAN, as operações híbridas, como os ataques cibernéticos, exigem apenas recursos financeiros e humanos limitados e são uma área em que a falta de responsabilidade democrática da Rússia permite usar métodos que seriam considerados inaceitáveis nas democracias ocidentais. Em 2015, as agências de inteligência dos EUA classificaram a Rússia como a principal fonte mundial de ameaças cibernéticas. Enquanto as ações militares são controversas internamente e correm o risco de desencadear condenação

internacional ou mesmo retaliação, as operações híbridas são frequentemente realizadas por atores não estatais, permitindo que o Estado russo negue a responsabilidade.

A POLÍTICA DE DEFESA DA RÚSSIA

ESTRATÉGIA MILITAR RUSSA: DEFENSIVA OU OFENSIVA?

Os documentos oficiais da estratégia russa¹ transmitem as preocupações de Moscou sobre um mundo caótico e imprevisível no qual enfrenta múltiplas ameaças. No topo da lista de riscos e ameaças da Doutrina Militar de 2014 está uma OTAN cada vez mais ativa e sua assunção de “funções globais realizadas em violação das regras do direito internacional”. A Rússia está particularmente preocupada com a expansão da aliança para sua zona de amortecimento tradicional, aproximando sua infraestrutura militar das fronteiras da Rússia. Além da ameaça militar representada pela OTAN, a doutrina aponta para esforços estrangeiros supostamente dirigidos pelo Ocidente para minar os próprios fundamentos do Estado russo, por exemplo, promovendo o extremismo e subvertendo os valores patrióticos tradicionais.

De acordo com a Doutrina Militar, a Rússia só usará suas forças armadas “para repelir a agressão contra si mesma e/ou seus aliados, para manter (restaurar) a paz, conforme decidido pelo Conselho de Segurança da ONU ou outro órgão de segurança coletiva, bem como para proteger seus cidadãos no estrangeiro”. Em vez de promover ofensivamente a influência russa, o papel das forças armadas é declarado defensivo, visando “dissuadir e prevenir conflitos militares”, protegendo a Rússia de ameaças que, implicitamente, vêm principalmente do Ocidente.

Há uma lacuna entre a política militar declarada e como a Rússia realmente usa suas forças armadas na prática. As intervenções de Moscou na Geórgia e na Ucrânia não atendem a nenhuma das condições da doutrina para o uso da força, pois não houve agressão contra a Rússia, e a maioria dos separatistas pró-Rússia em ambos os países não eram cidadãos russos quando o conflito começou. Além disso, enquanto a doutrina prevê a ação militar “de acordo com os princípios e normas geralmente reconhecidos do direito internacional e dos tratados internacionais da Federação Russa”, as incursões da Rússia em países vizinhos violam princípios como a integridade territorial consagrados na Carta da ONU, bem como o Memorando de Budapeste de 1994, no qual a Rússia se comprometeu a respeitar a soberania e as fronteiras ucranianas. Sem mandato nem do Conselho de Segurança da ONU nem de qualquer outro órgão de segurança coletiva, a campanha na Síria é igualmente difícil de se enquadrar nos critérios da doutrina.

As ações russas durante a campanha síria – como sua resposta relativamente contida à Turquia ao derrubar um de seus aviões de guerra em novembro de 2015 – sugerem que prefere evitar o confronto direto com forças numericamente superiores da OTAN. Na Síria, as forças russas se coordenaram estreitamente com

¹ Esta análise foi escrita em março de 2021, pouco antes da emissão do mais atual documento de estratégia da Rússia. Veja análise aqui: <https://velhogeneral.com.br/2021/07/26/a-nova-estrategia-de-seguranca-russa/>

seus homólogos dos EUA para reduzir o risco de conflito. Depois que dezenas de mercenários russos foram mortos em um confronto com combatentes curdos apoiados pelos EUA, o Kremlin se recusou a agir, insistindo que não tinha nada a ver com eles.

No entanto, isso não significa que o risco de agressão militar russa contra os países da OTAN possa ser descartado. Alguns observadores especulam que a Rússia poderia alavancar seus pontos fortes de nicho e vulnerabilidades da OTAN em um conflito limitado, permitindo-lhe obter ganhos enquanto escapa de retaliação. Por exemplo, as baterias de defesa aérea ao longo do flanco ocidental da Rússia em locais estratégicos como a Crimeia e Kaliningrado criam zonas anti-acesso e negação de área que até mesmo as aeronaves furtivas sofisticadas da OTAN provavelmente teriam dificuldade em penetrar. Essas zonas se estendem da Rússia até as áreas vizinhas, incluindo os Estados Bálticos, partes da Polônia e da Ucrânia e a maior parte do Mar Negro. A defesa aérea forte se encaixa no objetivo declarado de Moscou de proteger seu território de ataques estrangeiros, mas também pode fornecer cobertura para sua própria agressão contra países vizinhos. Dados os custos inaceitavelmente altos de uma guerra total, pode-se argumentar que a capacidade da Rússia de repelir qualquer coisa que não seja um ataque total deixa a OTAN sem uma resposta confiável à agressão russa limitada, por exemplo, contra os países bálticos.

A QUESTÃO NUCLEAR

A posição oficial da Rússia sobre primeiro uso de armas nucleares mudou ao longo dos anos. Em 1982, numa época em que Moscou ainda tinha uma vantagem convencional, o líder soviético Leonid Brezhnev prometeu que seu país nunca seria o primeiro a usar armas nucleares. No entanto, depois que essa vantagem desapareceu, a Rússia retirou sua política de “não primeiro uso” em 1993. A Doutrina Militar de 2000 afirmava que as armas nucleares podem ser usadas “em resposta a agressões em larga escala envolvendo armas convencionais em situações críticas para a segurança nacional da Federação Russa e seus aliados”. Talvez refletindo o fato de que as atualizações acima mencionadas das forças convencionais deram à Rússia mais opções não nucleares, a política nuclear declarada se tornou mais restritiva desde então; as duas versões mais recentes da doutrina (de 2010 e 2014) só permitem uma resposta nuclear a um ataque convencional se “a própria existência do Estado estiver em perigo”.

A política de dissuasão nuclear da Rússia, publicada pela primeira vez em junho de 2020, acrescenta mais detalhes sobre o que o Kremlin considera ameaças existenciais: o lançamento de mísseis balísticos, convencionais ou nucleares, contra o território russo; o uso de armas de destruição em massa; e ataques a instalações militares ou estatais russas críticas destinadas a interromper sua resposta nuclear. Essa redação é bastante semelhante à da Revisão da Postura Nuclear dos EUA de 2018, que também prevê o uso de armas nucleares “para defender os interesses vitais dos Estados Unidos [contra] ataques estratégicos não nucleares significativos, como ataques à população civil e forças nucleares”.

Tal como acontece com as armas convencionais, alguns observadores acreditam que a Rússia está mais disposta a usar seus recursos nucleares de forma ofensiva

do que a doutrina oficial sugere. Por exemplo, a Revisão da Postura Nuclear dos EUA de 2018 expressa uma crença amplamente difundida de que, para compensar a fraqueza de suas forças armadas convencionais, a Rússia está preparada para contemplar ataques nucleares limitados, mesmo em conflitos de menor escala, onde seus interesses vitais não são ameaçados, usando-os para acabar rapidamente com os combates ou para impedir uma intervenção da OTAN.

Como evidência dessa ideia de “escalar para desescalar”, analistas ocidentais apontam debates sobre o tema entre analistas militares russos; eles também observam que a Rússia tem um grande arsenal de armas nucleares não estratégicas e que seus exercícios militares de grande escala incluem regularmente simulações de ataques nucleares. Apesar disso, a política oficial de Moscou é que as armas nucleares são um impedimento, para serem usadas apenas sob extrema pressão; em 2018, Vladimir Putin descartou a ideia de um ataque preventivo.

MEDIDAS HÍBRIDAS NO PENSAMENTO MILITAR RUSSO

As medidas híbridas desempenham um papel proeminente no pensamento militar russo. Em 2013, o chefe do Estado-Maior General Valery Gerasimov afirmou em um jornal militar russo que “o papel dos meios não militares de alcançar objetivos políticos e estratégicos cresceu e, em muitos casos, excedeu o poder da força das armas em sua eficácia”. Esses comentários levaram a falar sobre a “Doutrina Gerasimov” como uma revolução no pensamento militar russo, priorizando atividades híbridas sobre a força militar.

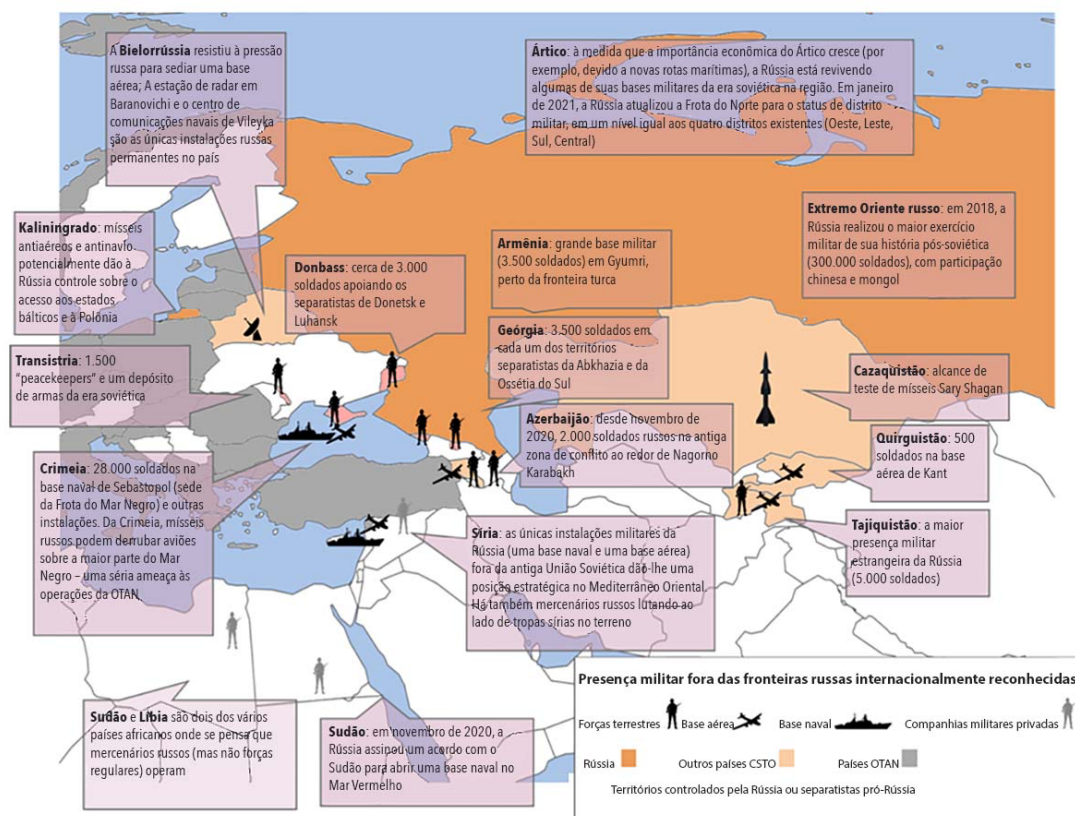
Analistas alertaram contra o exagero da importância das ideias de Gerasimov. Afinal, não há nada particularmente novo nos métodos híbridos – possivelmente apenas outro nome para as “medidas ativas” que eram uma parte tão central da política externa soviética – nem são exclusivos da Rússia. O contínuo investimento pesado em armas é um sinal claro de que Moscou ainda atribui grande importância às suas forças convencionais, e o próprio Gerasimov enfatizou que a estratégia militar é, acima de tudo, preparar-se para as guerras e combatê-las.

Ameaças híbridas também aparecem na Doutrina Militar, que identifica vários tipos de atividades híbridas usadas por potências estrangeiras (presumivelmente ocidentais) na tentativa de desestabilizar a Rússia: ataques cibernéticos, esforços para fomentar tensões étnicas e sociais e apoio a grupos armados ilegais. Essa visão da Rússia como alvo, e não como origem, de ameaças híbridas é amplamente compartilhada no establishment político; o parlamento regularmente aponta para “interferência estrangeira” nas eleições russas, embora sem apresentar provas substanciais para apoiar suas alegações. No entanto, conforme explicado no capítulo anterior, a própria Rússia é um dos principais perpetradores de atividades híbridas.

OS MILITARES RUSSOS A SERVIÇO DOS OBJETIVOS DA POLÍTICA EXTERNA

A estratégia de segurança nacional de 2015 e o conceito de política externa de 2016 descrevem os objetivos e preocupações mais amplos da política externa da Rússia, bem como o papel central desempenhado pelas forças

armadas em abordá-los. Ambos os documentos enfatizam a ambição da Rússia de se afirmar como uma grande potência, um “centro de influência” em um mundo que os Estados Unidos e seus aliados buscam dominar, mas que é cada vez mais policêntrico; para esse fim, a Rússia se opõe aos esforços ocidentais para conter sua influência e impedi-la de seguir uma política externa independente.



MAPA 1: Atividade militar russa, em casa e no exterior. Fonte: Dados de tropas do IISS Military Balance.

O desejo da Rússia de excluir as influências ocidentais de sua esfera de influência pós-soviética é expresso pela estratégia de segurança nacional, que observa que “a postura do Ocidente destinada a combater os processos de integração [eurasiáticos] e criar pontos de tensão ... está exercendo uma influência negativa sobre a realização dos interesses nacionais russos”.

A ameaça nuclear como ferramenta de política externa

Independentemente de a Rússia usar ou não de bom grado qualquer de suas armas nucleares, muitas vezes as invoca como ameaça. Por exemplo, referindo-se às sanções econômicas da UE e dos EUA contra a Rússia, em outubro de 2014, Putin deu a entender as consequências da “discordância entre grandes potências nucleares” para a estabilidade estratégica. Também no tenso contexto pós-Crimeia, a Rússia tentou (sem sucesso) impedir a Dinamarca de se juntar ao escudo antimísseis da OTAN, alertando que navios de guerra dinamarqueses se tornariam alvos de mísseis nucleares russos.

As guerras da Rússia na Síria, Ucrânia e Geórgia são totalmente consistentes com seus objetivos de política externa. Embora as sanções ocidentais sobre a Ucrânia tenham prejudicado a economia da Rússia, talvez Moscou considere isso um preço

que vale a pena pagar para manter a OTAN fora de sua vizinhança; com partes da Ucrânia e da Geórgia sob ocupação russa, alguns argumentam que as perspectivas de adesão à OTAN para ambos os países parecem ter sido arquivadas indefinidamente.

A estratégia de segurança nacional e outros documentos identificam o terrorismo internacional como uma grande ameaça e, de fato, esse foi o pretexto para o lançamento da campanha na Síria. No entanto, na prática, muitos ataques aéreos russos visaram grupos rebeldes moderados, como o Exército Sírio Livre, que, embora se oponha a Assad, não era universalmente considerado jihadista, enquanto a tarefa de combater o ISIL/Daesh foi deixada para os Estados Unidos e seus aliados. De fato, o principal objetivo da intervenção parece ter sido manter a influência russa na Síria e no Oriente Médio, e esse objetivo foi amplamente alcançado.

Manobras militares de grande escala, como os exercícios conjuntos Zapad com a Bielorrússia a cada quatro anos, enviam um forte alerta contra os desafios ocidentais ao domínio da Rússia em sua vizinhança. A Bielorrússia, juntamente com Armênia, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão, é membro da aliança militar da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (CSTO, *Collective Security Treaty Organisation*) liderada pela Rússia.

É certo que a aliança oferece pouco valor militar a Moscou, já que os aliados do CSTO têm forças armadas muito menores do que as da Rússia e, em qualquer caso, há dúvidas sobre o quanto eles estariam dispostos a cumprir a obrigação de defesa mútua consagrada no tratado; por exemplo, é altamente questionável que o Cazaquistão, que segue uma política externa multivetorial priorizando relações amistosas com a Rússia e o Ocidente, queira ser arrastado para as brigas de Moscou com a OTAN. Por sua vez, a Rússia também prefere não tomar partido em conflitos regionais envolvendo aliados da CSTO (como a recente guerra entre Armênia e Azerbaijão pelo Nagorno Karabakh).

Embora o compromisso com a defesa coletiva seja duvidoso, a aliança é útil para a Rússia, pois consolida a influência sobre os países vizinhos e lhe dá poder de veto sobre bases militares estrangeiras, como a base americana no Quirguistão, fechada sob pressão russa em 2014, mantendo assim as forças da OTAN à distância. A Rússia tem bases próprias em três países do CSTO: Armênia, Tadjiquistão e Quirguistão.

Cooperação de defesa Rússia-China

A China é uma ameaça potencial ao Extremo Oriente da Rússia, pouco povoado e pouco defendido; em 1969, Moscou e Pequim travaram uma guerra breve e não declarada na região. Agora que as relações melhoraram, a defesa tornou-se uma parte fundamental do que o Conceito de Política Externa da Rússia descreve como “cooperação estratégica” com a China. Ambos os países veem as defesas antimísseis THAAD dos EUA na Coreia do Sul com preocupação e estão trabalhando juntos em seus próprios sistemas antimísseis.

Refletindo tanto a crescente importância da Ásia quanto o difícil estado das relações com o Ocidente, a Rússia está buscando um pivô para o Oriente. Laços

econômicos e diplomáticos mais estreitos são sustentados pela cooperação de segurança com parceiros como a China (vide quadro acima) e a Índia. Parte dessa cooperação ocorre sob os auspícios da Organização de Cooperação de Xangai (SCO, *Shanghai Cooperation Organisation*), composta por Rússia, China, Índia, Paquistão e quatro países da Ásia Central. Embora a SCO não seja uma aliança militar, seus membros realizam regularmente exercícios militares conjuntos. As forças armadas russas também trabalham com homólogos asiáticos em outros formatos, como os exercícios anuais Vostok no Extremo Oriente da Rússia, que em 2018 foram realizados em uma escala sem precedentes desde os tempos soviéticos (300.000 militares) e incluíram participantes da China e da Mongólia.

Em linha com suas aspirações de projetar influência internacional, a Rússia está cada vez mais engajada na África. Em novembro de 2020, o Sudão concordou com a Rússia em estabelecer uma base naval no Mar Vermelho. No entanto, até agora quase não tem presença militar oficial no continente além da participação (muito limitada) em missões de paz da ONU. O apoio aos objetivos políticos e econômicos de Moscou, portanto, vem de empresas militares privadas como a Wagner. De acordo com a inteligência dos EUA, a Wagner enviou 3.000 de seu próprio pessoal e 2.000 sírios para a Líbia em apoio ao Exército Nacional Líbio do general Haftar, que controla o leste da Líbia – não o suficiente para dar a Haftar uma vitória decisiva sobre o Governo do Acordo Nacional, apoiado pela Turquia no oeste, mas suficiente para conter suas perdas e garantir que a Rússia tenha voz nas negociações entre facções em conflito para determinar o futuro do país. A Wagner também está presente na República Centro-Africana, onde enviou várias centenas de “instrutores” para apoiar as forças governamentais em apuros. Alegadamente, as empresas russas obtiveram concessões de mineração em troca desse apoio militar. Há mais relatos de mercenários russos no Sudão, Burundi e Moçambique.

CONTROLE DE ARMAS E NÃO PROLIFERAÇÃO

A Rússia é parte de uma série de acordos de controle de armas e não proliferação. Estes últimos incluem o Tratado de Não-Proliferação Nuclear multilateral que limita as armas nucleares da Rússia, Estados Unidos e três outros estados nucleares, e as convenções de armas químicas e biológicas, que proíbem completamente o uso militar de agentes químicos e biológicos. Os acordos de controle de armas são em sua maioria bilaterais (Estados Unidos e Rússia/União Soviética) e dizem respeito a armas nucleares. Desde 2000, vários acordos de controle de armas foram desfeitos, em parte devido ao fracasso em adaptá-los a novos desenvolvimentos, como a ascensão da China como potência militar e o surgimento de novos tipos de armas.

O cumprimento seletivo da Rússia com os acordos de controle de armas também é um problema sério. Assinado em 1987, o Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário (INF, *Intermediate-Range Nuclear Forces Treaty*) proíbe os Estados Unidos e a Rússia de terem mísseis lançados do solo com alcance de 500 a 5.500 km. Esses mísseis são particularmente preocupantes porque, se lançados da Rússia ocidental, podem atingir praticamente toda a Europa. Os Estados Unidos acusaram publicamente a Rússia de violar o tratado pela primeira vez em 2014, mas acredita-se que o desenvolvimento do míssil proibido SSC-8 já tenha

começado em meados dos anos 2000. Recusando-se a aceitar as garantias russas de que o SSC-8 é um míssil de curto alcance (os EUA estimam seu alcance máximo em 2.500 km), Washington decidiu se retirar do tratado em 2019. Agora está desenvolvendo seus próprios mísseis de alcance intermediário lançados do solo e espera começar a implantá-los em 2023. No entanto, a OTAN descartou a implantação de tais armas na Europa, e a Rússia também declarou que não será a primeira a fazê-lo.

Em 2011, os Estados Unidos e a Rússia assinaram o Novo Tratado START, que limita o número de ogivas nucleares estratégicas implantadas e as armas (mísseis balísticos intercontinentais, mísseis balísticos lançados de submarinos, bombardeiros pesados) usados para entregá-las. Além de reduzir o número das armas nucleares mais perigosas do mundo, o New START exige que ambos os lados se notifiquem sobre certos tipos de mudanças em seus arsenais e permita 18 inspeções detalhadas por parte, por ano, trazendo transparência e previsibilidade.

Os Estados Unidos declararam que a Rússia está em conformidade com o Novo START, ao contrário do INF. O tratado deveria expirar em fevereiro de 2021, com a opção de prorrogação por mais cinco anos. No entanto, até recentemente seu futuro parecia duvidoso; enquanto Putin expressou seu apoio à extensão incondicional, o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, foi muito mais cético e favoreceu um tratado revisado, cobrindo uma gama mais ampla de armas e possivelmente incluindo a China. Com as negociações não avançando muito, uma das primeiras ações do presidente dos EUA, Joe Biden, foi suspender o New START poucos dias antes de seu vencimento, permitindo que permanecesse em vigor até 2026.

No entanto, a longo prazo, um novo tratado ainda precisará abordar as preocupações que ambos os lados têm sobre as armas nucleares um do outro. Para os Estados Unidos, é preocupante que o Novo START não inclua ogivas nucleares não estratégicas – área onde a Rússia tem forte superioridade numérica. Além disso, algumas das armas inovadoras que Moscou está desenvolvendo atualmente – como o míssil de cruzeiro Burevestnik mencionado acima – provavelmente estão fora do escopo do tratado.

De sua parte, a Rússia tem problemas com o escudo antimísseis europeu da OTAN; embora defensivo, na visão de Moscou o sistema facilita a agressão dos EUA, devido à sua capacidade de proteger a Europa de um contra-ataque russo, permitindo assim que a OTAN lance um ataque nuclear contra a Rússia com relativa impunidade; Putin argumenta que corre o risco de “completa desvalorização do potencial nuclear da Rússia”. Tais alegações são sistematicamente rejeitadas pela OTAN, que aponta que suas defesas antimísseis simplesmente não têm capacidade para bloquear um ataque russo em larga escala e, portanto, seriam mais úteis na interceptação de ataques menores de mísseis por estados párias como o Irã. Encontrar o equilíbrio certo entre essas diferentes preocupações será extremamente difícil, especialmente devido à atual falta de confiança entre Washington e Moscou, e as perspectivas de um acordo abrangente de controle de armas para substituir o Novo START, portanto, parecem fracas.

Um novo tratado de controle de armas nucleares também pode ter como objetivo incluir a China, mas isso será ainda mais desafiador. A China tem muito menos armas nucleares do que a Rússia e os Estados Unidos, embora seu número esteja crescendo constantemente, e talvez possa até dobrar nos próximos 10 anos. Em julho de 2020, Pequim declarou que só ingressaria nas negociações trilaterais do Novo START se os Estados Unidos estivessem dispostos a reduzir seu arsenal ao tamanho do da China.

AS FORÇAS ARMADAS NA OPINIÃO PÚBLICA RUSSA

As pesquisas de opinião destacaram repetidamente a importância que os cidadãos russos atribuem aos militares. Para eles, as Forças Armadas são a instituição mais confiável da Rússia, a principal fonte de orgulho nacional e a segunda influência mais importante (depois do presidente) na vida nacional. A comparação dos resultados dessas pesquisas ao longo do tempo mostra que o prestígio das Forças Armadas está atualmente em alta. Questionados em 2017 para avaliar o desempenho de Vladimir Putin, os entrevistados colocaram a reforma militar no topo da lista de suas realizações. No entanto, pesquisas também mostram que os russos têm mais medo da guerra do que qualquer outra coisa, exceto doenças familiares. Em 2019, a maioria era a favor de as forças armadas russas encerrarem suas operações na Síria.

Mesmo que a Rússia seja frequentemente descrita como um Estado autoritário, seus líderes não podem ignorar completamente a opinião pública, que desempenha um papel na formulação da política de defesa. Com as baixas militares na Ucrânia aumentando, em 2015 Putin assinou um decreto tornando ilegal a publicação de informações sobre as mortes de forças russas “durante operações especiais” em tempos de paz.

www.velhogeneral.com.br
